

---

# SER Social

EDUCAÇÃO E LUTAS SOCIAIS NO BRASIL

Brasília, v. 20, n. 43, julho a dezembro de 2018

---

## A educação para além do capital

Education beyond capital

Juliana Iglesias Melim<sup>1</sup>

MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

---

As reflexões contidas em *A educação para além do capital* foram sistematizadas por István Mészáros para a conferência de abertura do Fórum Mundial de Educação, realizado na cidade de Porto Alegre/RS, no ano de 2004. No entanto, ainda que mais de dez anos tenham se passado, as contribuições ali publicadas permanecem atuais e com fortes indicações para que possamos refletir criticamente sobre

---

1 Assistente social, docente do curso de Serviço Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Mestre em Política Social (Ufes) e doutora em Serviço Social (UFRJ). Pesquisadora do Grupo de Estudos Fundamentos da Teoria Social Crítica, Serviço Social e Política Social – Interfaces e tutora do Programa de Educação Tutorial (PET Serviço Social/Ufes).

a educação no capitalismo, sua relação com o trabalho alienado e a necessidade das lutas sociais da classe trabalhadora.

Mészáros resgata o pressuposto marxista de que é o trabalho que funda as condições de existência material e espiritual dos homens. Essa escolha pela centralidade do trabalho se orienta, no plano teórico, a partir do reconhecimento do trabalho, no seu sentido ontológico, como fundante do homem em seu processo de socialização, bem como do trabalho alienado, como algo inerente ao capitalismo em suas diferentes fases.

Esta concepção também irá sustentar a tese que atravessa todo o livro de que a educação é uma mediação secundária/ou de segunda ordem, necessária para a reprodução social. Desta forma, a natureza da educação está diretamente vinculada aos rumos do trabalho. Um sistema societário que se apoia no antagonismo entre trabalho manual e trabalho intelectual, na subsunção formal e real do trabalho ao capital e na divisão de classes, irá exigir a presença de uma enorme massa de força de trabalho sem acesso aos meios para sua realização, e, ao mesmo tempo, a socialização de valores que permitam a sua reprodução. Nesse caminho, o autor vai demonstrar a relação da educação com o trabalho, com o qual compartilha, na sociedade capitalista, entre tantas coisas, a alienação.

Na primeira parte do livro, Mészáros se dedica a explicar aos leitores, a partir de citações de Paracelso, José Martí e Karl Marx, a urgência de se instituir uma mudança radical nas estruturas da sociedade capitalista capaz de nos levar *para além do capital*.<sup>2</sup>

Mészáros afirmará que uma reformulação significativa da educação é inconcebível sem a correspondente ruptura com a estrutura social capitalista produtora e reprodutora da exploração e das

---

2 Cabe aqui destacar as polêmicas que este debate impulsiona no campo do próprio marxismo. A afirmação da necessidade de ir *para além do capital* está ancorada em uma determinada teoria de transição revolucionária, densamente problematizada por István Mészáros naquela que consideramos sua principal obra “Para além do capital” (2002). Para conhecermos de forma mais apurada o debate dessas polêmicas Cf. MACHADO, G. **István Mészáros e a Teoria do Socialismo em um só país**. Disponível em: <<http://teoriaerevolucao.pstu.org.br/istvan-meszaros-e-o-socialismo-em-um-so-pais/>>. Acesso em: 02/06/2018.

desigualdades de classe. Com nitidez, nos chama atenção para o fato de que as determinações do sistema do capital são irreformáveis – “o capital é irreformável porque sua própria natureza, como totalidade reguladora sistêmica, é totalmente incorrigível”. (2008, p. 27).

Estas considerações nos permitem avançar na análise de que o principal nexos que liga trabalho e educação no capitalismo é a mercadoria. O que traz a unidade dialética desses processos é a lógica da mercadoria, tal qual formulada por Marx, visto que, trabalho e educação não são mercadorias, mas se tornam nesta sociedade. A educação tornou-se uma peça importante do processo de acumulação e valorização do capital, à medida que, assim como o trabalho, também foi transmutada em mercadoria. Tornou-se protagonista no estabelecimento de um consenso que torna possível a reprodução da exploração e das desigualdades de classe. Tornou-se mecanismo de manutenção e reprodução deste sistema. Nesse lastro sua função tem sido garantir a conformidade e a concordância tanto quanto for possível dentro dos seus limites institucionalizados.

Nesse caminho, Mészáros seguirá desenvolvendo forte crítica às perspectivas liberais/reformistas no campo da educação, travando debates especialmente com Adam Smith e Robert Owen. Para nosso autor as soluções não podem ser apenas formais; elas devem ser essenciais, pois mesmo aquelas alterações apenas reguladas por legislações sociais podem ser totalmente convertidas em regras e normas que atendam, prioritariamente, aos interesses do capital.

[...] a educação formal não é força ideologicamente *primária* que consolida o sistema do capital; tampouco ela é capaz de, *por si só*, fornecer uma alternativa emancipadora radical. [...] Esperar da sociedade mercantilizada uma sanção ativa – ou mesmo mera tolerância – de um mandato que estimule as instituições de educação formal a abraçar plenamente a grande tarefa histórica do nosso tempo, ou seja, a tarefa de *romper com a lógica do capital no interesse da sobrevivência humana*, seria um milagre monumental. (2008, p. 45).

No segundo momento do livro, Mészáros ao retomar Paracelso reafirmará que a aprendizagem é a nossa própria vida, desde a juven-

tude até a velhice. A questão que apresentará aos leitores é: o que é que aprendemos de uma forma ou de outra? Será que a aprendizagem conduz à autorrealização dos indivíduos como “indivíduos socialmente ricos” humanamente (nas palavras de Marx), ou está ela a serviço da perpetuação, consciente ou não, da ordem social alienante e definitivamente incontrolável do capital?

Nesse momento, o autor se apoia nas formulações de Gramsci (1957)<sup>3</sup> para explicitar que pensar a sociedade tendo como parâmetro o ser humano nos exigirá a superação da lógica desumanizadora própria do capital. Irá exigir o fim da separação entre *homo faber* e *homo sapiens*. A educação, para além do capital, deve andar de mãos dadas com a luta por uma transformação radical do atual modelo econômico e político hegemônico. E, nessas trilhas, não há espaço para reformismos, pois o capital é irreformável.

Para que se possa chegar a esta conclusão, as linhas que se seguem em *A educação para além do capital* salientam que apenas a mais ampla das concepções de educação pode nos ajudar. Mais uma vez, Mészáros recorrerá a Gramsci<sup>4</sup> contrariando concepções estreitas cuja finalidade é a defesa de uma educação direcionada para os trabalhadores, de forma a mantê-los no trabalho alienado.

Por fim, o livro trata da educação como ‘transcendência positiva da autoalienação do trabalho’, reconhecendo que vivemos em condições objetivas que desumanizam, alienam e subvertem, de forma fetichista, o real estado de coisas dentro da consciência (reificação). Alterar essas condições pressupõe uma ação consciente em todas as dimensões e em todos os níveis da nossa existência individual e social. Concordando com Marx em sua obra *A miséria da filosofia*, nosso autor ressalta que os seres humanos devem mudar totalmente

---

3 GRAMSCI, A. **A formação dos intelectuais**. Londres: Lawrence and Wishart, 1957.

4 Não há nenhuma atividade humana da qual se possa excluir qualquer intervenção intelectual – o *Homo faber* não pode ser separado do *Homo sapiens*. Além disso, fora do trabalho, todo homem desenvolve alguma atividade intelectual; ele é, em outras palavras, um ‘filósofo’, um artista, um homem com sensibilidade; ele partilha uma concepção de mundo, tem uma linha consciente de conduta moral, e, portanto *contribui para manter ou mudar a concepção de mundo*, isto é, estimular novas formas de pensamento. (GRAMSCI, 1957, p. 121).

as condições de sua existência econômica e política, e, conseqüentemente, toda a sua maneira de ser. Nesse sentido, nos permite considerar que a raiz de todas as formas de alienação no capitalismo está na alienação do trabalho. Logo, somente pelo trabalho e pela condição de trabalhadores que é possível superar a alienação com uma mudança radical das condições objetivas da vida, e, por conseguinte, superar “toda a nossa maneira de ser”.

Desta forma, todo ser social contribui de uma maneira ou de outra, para a configuração de uma concepção de mundo predominante. A tarefa histórica, portanto, é a destruição e a superação do capitalismo e não apenas a sua negação. A finalidade da educação será, assim, força motriz, tanto para a elaboração de estratégias apropriadas e adequadas para mudar as condições objetivas do sistema de produção e a reprodução das injustiças de classe, como para o que o autor denomina de “automudança” consciente dos indivíduos convidados a materializar a criação de uma ordem social radicalmente diferente. Para tanto, dois conceitos devem ganhar destaque: a universalização da educação e a universalização do trabalho como atividade humana autorrealizadora.

Assim, diante do acirramento da crise mundial do capital e das mais bárbaras reações da burguesia para recuperar suas taxas de lucro e manter-se como classe dominante e dirigente, faz-se urgente e necessário que a reação do conjunto da classe trabalhadora articule suas lutas imediatas, por exemplo, a luta pela universalização da educação pública, estatal e de qualidade, com as lutas mais gerais de direção classista que tenham como horizonte a superação da ordem vigente. Desse modo, pensar e lutar por uma educação *para além do capital*, libertária e livre das amarras da exploração e das desigualdades, implica em pensar e lutar por uma sociedade onde o trabalho também seja livre e expressão da verdadeira essência humana. Isso posto, Mézáros, no campo da tradição marxista, condenará mentalidades fatalistas e reconhecerá que a história é um campo aberto de possibilidades.